



CONGRESSO DE PROFESSORES

Vai realizar-se em Lisboa nas salas da Universidade Livre um congresso dos filiados na Associação dos Professores de Portugal, aderente à Internacional dos Trabalhadores do Ensino. É o segundo congresso que realizam e promete ter uma alta importância pedagógica, pelo espírito novo que anima essa parte do professorado que repudia os velhos e obsoletos métodos de ensino e aspira a realizar uma educação inteiramente livre.

Seguiremos com o máximo interesse as suas sessões.

O facto de ser a Associação dos Professores de Portugal aderente à Internacional dos Trabalhadores do Ensino, é já por si uma indicação da orientação que irá ter o Congresso. Uma das preocupações do professorado, simpatizante com os ideais modernos é a da educação da massa trabalhadora. Nas suas teses não deixarão, pois, de encarar este importante problema, que de tanto interesse é para o operariado e para a sua causa.

Não somos dos que entendem que para a libertação dos trabalhadores do jugo do capital é necessário que todo o povo seja instruído, verdadeiramente educado. Não.

Sabemos bem que a instrução é um direito que o povo só conquistará verdadeiramente no dia em que tenha conquistado todas as outras regalias mais urgentes. Sabemos muito bem que um dos objectivos da Revolução Social deve ser precisamente essa conquista do ensino para todos, ensino racional e sem que os alunos estejam sob a contingência de faltarem à aula para obterem a sua subsistência.

Não, não é necessário que todo o operariado atinja o nível mental a que todos nós aspiramos para que a revolução possa ser um facto. Esta é que terá de preceder a educação perfeita e completa de todos os trabalhadores.

Mas o que não ignoramos também é que é absolutamente necessário que a minoria revolucionária que em todos os tempos, em todas as épocas da história, actua na massa popular, seja instruída. Essa instrução dos militantes operários é absolutamente indispensável. Sem ela não pode haver o forte impulso que só a compreensão das coisas, o conhecimento da história e das leis sociológicas pode dar aos movimentos do povo insurrecionado.

Por este motivo mesmo é que não podemos deixar de seguir com o máximo interesse esse congresso de professores que tão abertamente se declaram camaradas nossos.

Notas & Comentários

Renovação

É posta à venda mais um número da revista gráfica de novos horizontes sociais *Renovação*. O número de anúncio - 3.º - não é acompanhado de *carteira*. Em compensação, o texto apresenta a novidade de ser impresso a duas cores, e a capa, colorida, a cinco cores, é de grande efeito. Dezanove gravuras ilustram os artigos que foram assinados de antemão para toda a gente.

Em virtude de pôr deliberação do Conselho Central, ter sido submetida à direcção da Secção Editorial da *Batalha* ao Secretariado de Propaganda, é o nome do nosso camarada e amigo Manuel Gonçalves Vidal substituído, na direcção da *Renovação*, pelo director de *A Batalha*, José S. Santos Arruda, nomeado pelo Conselho, para dirigir todas as publicações da C. G. T.

Renovação passa, pois, a ser uma publicação oficial da central da organização operária portuguesa. Só essa nova situação determinaria a substituição do nosso camarada Gonçalves Vidal na direcção da revista.

A escravatura nas colónias

Recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

Presado camarada: Para reforçar os argumentos com que a *Batalha* de hoje demonstra e estigmatiza a escravatura nas colónias portuguesas vou contar-lhe um caso que patenteia, não obstante a sua simplicidade, a maneira como os nossos africanos civilizaram os naturais africanos.

Há dias, num caso comercial que frequentemente, estavam vários fregueses e entre elos destacava-se um grupo formado por alguns chauffeurs. Um dos do grupo contava algumas bravatas sucedidas com ele em África, quando soldado expedicionário. A certa altura, o tal bravateiro, animado sem dúvida pela benevolência da assistência, relatou uma peripécia que encheu de horror parte dos ouvintes. Era nem mais nem menos do que isto: Um dia, ele e outro companheiro receberam cada um da sua espingarda. Depois de as analisarem curiosamente procuraram um alvo para os experimentarem. Como nesse momento lobrigaram-se ao longe dois negros caminhando tranquilamente, apontaram fizeram fogo — e

CRÓNICA DE VIAGEM

Os deportados em África

Esclarece-se a situação dos presos e contam-se pormenores sobre o incidente de Angra do Heroísmo

(Do nosso enviado especial)

Já dissemos, dum modo geral, qual a situação em que se encontram os presos deportados em Cabo Verde. Essa situação, aí à data em que escrevo, mantém-se do mesmo modo, havendo apenas que registrar, porque é a verdade absoluta, que o procedimento dos deportados tem sido correcto, que lhes tem acarretado simpatias, até por parte dos elementos oficiais que lhes têm concedido facilidades de colocação.

E sempre triste a situação dum deportado; mas do mal o menor.

Continuam no quartel, mas com liberdade para andarem em tóda a cidade da Praia e trabalharem em obras públicas e municipais.

Levantam-se às cinco horas da manhã, tomam banho, têm o café, seguem depois para as suas ocupações, almoçando às onze horas e jantando às seis da tarde. Depois dum passeio, recolhem às nove da noite.

As autoridades e alguns sargentos com quem falei, são os primeiros a abonar o seu porte. Os que encontraram algumas dificuldades para trabalhar nas suas profissões, procuraram outros modos de vida; e assim, por exemplo, um manipulador de pão está como jardineiro, em serviços da Câmara, declarando-me que está satisfeito.

Os ordenados variam entre 20 a 35 escudos diárias, e o horário é, mais ou menos, o da metrópole.

A exceção de dois, que caíram no hospital, com doença leigre, todos gozam saúde, mais ou menos, quase todos trabalham, excepto Bernardino dos Santos que, a pensar de muito procurar, até à data não conseguiram colocação; mas este mesmo dentro de breve deve estar colocado.

Vida sindical, ou associativa de qualquer espécie, não há por aqui; nem sequer associações recreativas ou de socorros mútuos.

Há informe quais os nomes dos presos que ficaram em Cabo Verde, concluindo-se que os restantes seguiram para a Guiné.

Tanto os que ficaram na Praia como os outros, são o total das duas levadas que saíram de Lisboa, no *Carvalho Araújo*, uma para Angra do Heroísmo, a 30 de abril último; outra a 29 de maio.

Quando veio a última leva, o *Carvalho Araújo* foi a Angra buscar os primeiros que tinham vindo, e que ali estavam, e juntaram-se os presos das duas remessas, sendo feita a relação dos que se destinavam a Cabo Verde e à Guiné, logo que o barco chegou a esta primeira província ultramarina.

Há vários episódios de jornada, que ouvi contar. E ate, pela maneira sincera como me contaram, eu depreendo que, necessá-

riamente, entre esses homens há muitos inocentes.

Se, também, e infelizmente, poderão existir criminosos, não me cumpre, a mim, acusá-los, porque não sou polícia, nem agente do Ministério Público. Todos os episódios que me referiram, aquele que talvez mereça a pena menzionar, é o que se relaciona com as razões porque os deportados da primeira leva saíram de Angra do Heroísmo.

Essas razões prendem-se, primeiramente, com uma certa hostilidade manifestada por parte da população mais conservadora de Angra — hostilidade que foi demonstrada nalguns jornais locais, e que chegou, em reclamações, à metrópole; depois também se filiou num movimento de protesto que os presos ali realizaram. O que foi esse movimento?

Foi determinado pelo estado de espírito dos deportados, mal dispostos com a hostilidade, um tanto desumana, que lhe moviam, e agravados com a recusa, terminante, que as autoridades do presídio militar declararam de lhes ser fornecido tabaco.

Os presos, que em Angra estavam encarcerados nas prisões militares, queriam a libertação, tão necessária em quem está preso, dum cigarro, mas a pesar de desejarem comprar o tabaco, não lho consentiram dizendo que eram ordens da metrópole.

Surgiram os protestos; mas protestos que não foram atendidos, e, um dia, os presos revoltaram-se, clamando, mais alto, contra a injustiça, quebrando, nessa ocasião, os vidros de algumas janelas. Houve alarme; a guarnição formou; os oficiais não estavam contentes e os presos também não; mas depois dama troca de explicações se remaram os ânimos, e o caso passou sem maior incidente.

Passados poucos dias tiveram ordem para fumar, e foi-lhes explicado que só então viria ordens da metrópole.

Decorreram dias, e certa manhã entrou no porto, outra vez, o *Carvalho Araújo* que os levou de Angra, juntamente com os da segunda leva, para a África onde se encontram.

Há informe quais os nomes dos presos que ficaram em Cabo Verde, concluindo-se que os restantes seguiram para a Guiné.

Tanto os que ficaram na Praia como os outros, são o total das duas levadas que saíram de Lisboa, no *Carvalho Araújo*, uma para Angra do Heroísmo, a 30 de abril último; outra a 29 de maio.

Quando veio a última leva, o *Carvalho Araújo* foi a Angra buscar os primeiros que tinham vindo, e que ali estavam, e juntaram-se os presos das duas remessas, sendo feita a relação dos que se destinavam a Cabo Verde e à Guiné, logo que o barco chegou a esta primeira província ultramarina.

Há vários episódios de jornada, que ouvi contar. E ate, pela maneira sincera como me contaram, eu depreendo que, necessá-

riamente, entre esses homens há muitos inocentes.

Se, também, e infelizmente, poderão existir criminosos, não me cumpre, a mim, acusá-los, porque não sou polícia, nem agente do Ministério Público. Todos os episódios que me referiram, aquele que talvez mereça a pena menzionar, é o que se relaciona com as razões porque os deportados da primeira leva saíram de Angra do Heroísmo.

Essas razões prendem-se, primeiramente, com uma certa hostilidade manifestada por parte da população mais conservadora de Angra — hostilidade que foi demonstrada nalguns jornais locais, e que chegou, em reclamações, à metrópole; depois também se filiou num movimento de protesto que os presos ali realizaram. O que foi esse movimento?

Foi determinado pelo estado de espírito dos deportados, mal dispostos com a hostilidade, um tanto desumana, que lhe moviam, e agravados com a recusa, terminante, que as autoridades do presídio militar declararam de lhes ser fornecido tabaco.

Os presos, que em Angra estavam encarcerados nas prisões militares, queriam a libertação, tão necessária em quem está preso, dum cigarro, mas a pesar de desejarem comprar o tabaco, não lho consentiram dizendo que eram ordens da metrópole.

Surgiram os protestos; mas protestos que não foram atendidos, e, um dia, os presos revoltaram-se, clamando, mais alto, contra a injustiça, quebrando, nessa ocasião, os vidros de algumas janelas. Houve alarme; a guarnição formou; os oficiais não estavam contentes e os presos também não; mas depois dama troca de explicações se remaram os ânimos, e o caso passou sem maior incidente.

Passados poucos dias tiveram ordem para fumar, e foi-lhes explicado que só então viria ordens da metrópole.

Decorreram dias, e certa manhã entrou no porto, outra vez, o *Carvalho Araújo* que os levou de Angra, juntamente com os da segunda leva, para a África onde se encontram.

Há informe quais os nomes dos presos que ficaram em Cabo Verde, concluindo-se que os restantes seguiram para a Guiné.

Tanto os que ficaram na Praia como os outros, são o total das duas levadas que saíram de Lisboa, no *Carvalho Araújo*, uma para Angra do Heroísmo, a 30 de abril último; outra a 29 de maio.

Quando veio a última leva, o *Carvalho Araújo* foi a Angra buscar os primeiros que tinham vindo, e que ali estavam, e juntaram-se os presos das duas remessas, sendo feita a relação dos que se destinavam a Cabo Verde e à Guiné, logo que o barco chegou a esta primeira província ultramarina.

Há vários episódios de jornada, que ouvi contar. E ate, pela maneira sincera como me contaram, eu depreendo que, necessá-

riamente, entre esses homens há muitos inocentes.

Se, também, e infelizmente, poderão existir criminosos, não me cumpre, a mim, acusá-los, porque não sou polícia, nem agente do Ministério Público. Todos os episódios que me referiram, aquele que talvez mereça a pena menzionar, é o que se relaciona com as razões porque os deportados da primeira leva saíram de Angra do Heroísmo.

Essas razões prendem-se, primeiramente, com uma certa hostilidade manifestada por parte da população mais conservadora de Angra — hostilidade que foi demonstrada nalguns jornais locais, e que chegou, em reclamações, à metrópole; depois também se filiou num movimento de protesto que os presos ali realizaram. O que foi esse movimento?

Foi determinado pelo estado de espírito dos deportados, mal dispostos com a hostilidade, um tanto desumana, que lhe moviam, e agravados com a recusa, terminante, que as autoridades do presídio militar declararam de lhes ser fornecido tabaco.

Os presos, que em Angra estavam encarcerados nas prisões militares, queriam a libertação, tão necessária em quem está preso, dum cigarro, mas a pesar de desejarem comprar o tabaco, não lho consentiram dizendo que eram ordens da metrópole.

Surgiram os protestos; mas protestos que não foram atendidos, e, um dia, os presos revoltaram-se, clamando, mais alto, contra a injustiça, quebrando, nessa ocasião, os vidros de algumas janelas. Houve alarme; a guarnição formou; os oficiais não estavam contentes e os presos também não; mas depois dama troca de explicações se remaram os ânimos, e o caso passou sem maior incidente.

Passados poucos dias tiveram ordem para fumar, e foi-lhes explicado que só então viria ordens da metrópole.

Decorreram dias, e certa manhã entrou no porto, outra vez, o *Carvalho Araújo* que os levou de Angra, juntamente com os da segunda leva, para a África onde se encontram.

Há informe quais os nomes dos presos que ficaram em Cabo Verde, concluindo-se que os restantes seguiram para a Guiné.

Tanto os que ficaram na Praia como os outros, são o total das duas levadas que saíram de Lisboa, no *Carvalho Araújo*, uma para Angra do Heroísmo, a 30 de abril último; outra a 29 de maio.

Quando veio a última leva, o *Carvalho Araújo* foi a Angra buscar os primeiros que tinham vindo, e que ali estavam, e juntaram-se os presos das duas remessas, sendo feita a relação dos que se destinavam a Cabo Verde e à Guiné, logo que o barco chegou a esta primeira província ultramarina.

Há vários episódios de jornada, que ouvi contar. E ate, pela maneira sincera como me contaram, eu depreendo que, necessá-

riamente, entre esses homens há muitos inocentes.

Se, também, e infelizmente, poderão existir criminosos, não me cumpre, a mim, acusá-los, porque não sou polícia, nem agente do Ministério Público. Todos os episódios que me referiram, aquele que talvez mereça a pena menzionar, é o que se relaciona com as razões porque os deportados da primeira leva saíram de Angra do Heroísmo.

Essas razões prendem-se, primeiramente, com uma certa hostilidade manifestada por parte da população mais conservadora de Angra — hostilidade que foi demonstrada nalguns jornais locais, e que chegou, em reclamações, à metrópole; depois também se filiou num movimento de protesto que os presos ali realizaram. O que foi esse movimento?

Foi determinado pelo estado de espírito dos deportados, mal dispostos com a hostilidade, um tanto desumana, que lhe moviam, e agravados com a recusa, terminante, que as autoridades do presídio militar declararam de lhes ser fornecido tabaco.

Os presos, que em Angra estavam encarcerados nas prisões militares, queriam a libertação, tão necessária em quem está preso, dum cigarro, mas a pesar de desejarem comprar o tabaco, não lho consentiram dizendo que eram ordens da metrópole.

Surgiram os protestos; mas protestos que não foram atendidos, e, um dia, os presos revoltaram-se, clamando, mais alto, contra a injustiça, quebrando, nessa ocasião, os vidros de algumas janelas. Houve alarme; a guarnição formou; os oficiais não estavam contentes e os presos também não; mas depois dama troca de explicações se remaram os ânimos, e o caso passou sem maior incidente.

Passados poucos dias tiveram ordem para fumar, e foi-lhes explicado que só então viria ordens da metrópole.

Decorreram dias, e certa manhã entrou no porto, outra vez, o *Carvalho Araújo* que os levou de Angra, juntamente com os da segunda leva, para a África onde se encontram.

Há informe quais os nomes dos presos que ficaram em Cabo Verde, concluindo-se que os restantes seguiram para a Guiné.

Tanto os que ficaram na Praia como os outros, são o total das duas levadas que saíram de Lisboa, no *Carvalho Araújo*, uma para Angra do Heroísmo, a 30 de abril último; outra a 29 de maio.

Quando veio a última leva, o *Carvalho Araújo* foi a Angra buscar os primeiros que tinham vindo, e que ali estavam, e juntaram-se os presos das duas remessas, sendo feita a relação dos que se destinavam a Cabo Verde e à Guiné, logo que o barco chegou a esta primeira província ultramarina.

Há vários episódios de jornada, que ouvi contar. E ate, pela maneira sincera como me contaram, eu depreendo que, necessá-

riamente, entre esses homens há muitos inocentes.

Se

Contra a guerra

Já foram nomeados delegados da C. G. T. a várias sessões

O Secretariado de Propaganda está enviando para diferentes localidades do país o manifesto da A. I. T. contra a guerra.

Tomou conhecimento de que se efectuam várias sessões contra a guerra em diferentes localidades de harmonia com as indicações do Conselho Confederal.

O Secretariado nomeou já os seguintes delegados: Silva Campos, Lisboa; M. H. Rijo, Reguengos de Monsaraz; M. J. de Sousa, Elvas; Quirino Moreira, Cabeção; Jerónimo de Sousa, Beja; Faustino Ferreira, Parede; F. Almeida Marques, Alfarelos; Alfredo Pinto, Monchique; Virgílio de Sousa, Alviz; Manuel Peres, Vendas Novas; Santos Aranha, Santarém e Manuel Nunes, Odemira.

Estes delegados deverão passar pela sede da C. G. T. hoje à noite para lhe serem entregues as respectivas credenciais.

A Câmara Sindical já marcou várias sessões

A Câmara Sindical do Trabalho promove no próximo domingo quatro sessões de propaganda anti-militarista devendo ser distribuído profusamente um manifesto anuncianto os locais e horas de realização e convidando o proletariado, que muito sofre com a guerra, a protestar contra o sistema social inquieto, único gerador de todos as guerras — o capitalismo autoritário.

Uma sessão realizar-se-á no Salão de Festas da Construção Civil, à calçada do Combro, 38, A, 2^o, e as outras respetivamente na Associação dos Corticeiros, rua de Paulo da Gama, Belém pelas 11 horas; na Secção do Construção Civil de Palma e arredores e na Associação dos Corticeiros do Pólo do Bispo. Não se sabe ainda ao certo as horas de realização de três destas sessões, mas calcula-se que serão de dia.

Amanhã já poderemos dizer ao certo assim como os oradores que falarão. Far-se-hão representar com oradores diferentes organismos revolucionários, liberais e de insurreição, todos eles condenando, segundo a sua característica especial, o sistema monárquico que origina as guerras.

Serão relembrados os dias amargos da conflagração que consumiu a flor da juventude de todos os países combatentes; serão apontados ao povo, como outros tantos crimes, a guerra de Marrocos que tem consumido à Espanha milhares dos seus filhos mais prestitos; as guerras do Oriente, da Índia e da China, onde tanto sangue do povo tem sido derramado. Serão enfim apontados ao povo trabalhadores dois caminhos porque tem de optar: a guerra mercenária em proveito duns capitalistas envolvendo milhares de filhos do povo, ou a Revolução Social, necessária e libertadora, feita pelo povo contra o capitalismo, e para a qual tende preparar-se já.

A todos os sindicatos aderentes avisamos que nomecem os delegados que porventura desejem enviar.

Realiza-se um comício no próximo dia 2 de Agosto

BARREIRO, 29.—Reúniram hoje na sede da Associação dos Operários Corticeiros delegados dos Sindicatos Locais, a fim de resolverem a melhor forma de levar a efeito uma reunião de protesto no próximo dia 2 de Agosto contra a guerra.

Ficou resolvido fazer-se um comício pelas 17 horas, daquele dia no largo Gago Coutinho e Sacadura Cabral.—C.

EM FRANÇA

Descarrila um comboio

Arrastando cerca de 20 pessoas, ficando algumas delas em pedaços

PARIS, 30.—O expresso Mans-Tours descarrilou durante a noite numa agulha em Saint-Antoine du Richer, devido a excesso de velocidade, que o magninista havia impulsionado a locomotiva a fim de ganhar um atraso.

A locomotiva descarrilou arrastando consigo o furgão e quatro carreguões, elevando-se a cerca de 20 o número de passageiros mortos, alguns dos quais perfeitamente feitos em bocados.

O número de feridos é muito elevado, a maioria dos quais em estado grave.

Exposição de frutos

Iniciaram-se ontem, no salão nobre do Teatro Nacional, os trabalhos de instalação do interessante certame de frutas e plantas, frutíferas, que os srs. Moreira da Silva, de Porto, promovem.

Para a inauguração, que se efectua amanhã, pelas 15 horas, estão convidados os membros do governo.

O produto das entradas na exposição reverte — conforme temos dito — a favor da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Avoceta" são hoje expeditas malas postais para a Madeira e Las Palmas e pelo paquete "Glenliss" para o Pará e Manaus, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências ordinárias para ambos os paquetes às 11 horas e para as registadas receber-se até às 9 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Carpinteiros de Construções Navais. — Reunião a assembleia geral, no dia 2.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou encomenda destas para encadernação, à administração de A Batalha.

As proezas da polícia contra os presos sociais

O chefe da esquadra do Caminho Novo ofende gravemente as esposas dos presos

Referimo-nos ontem ao facto, contudo com a própria tão decantada moralidade pública burguesa, do chefe Amadeu, da esquadra do Caminho Novo, bolar obscenidades ante Isaura da Anunciação, esposa do nosso camarada Julio da Anunciação, ali detido há longos dias.

Os nossos informes, porém, foram insuficientes. O caso assume foros de escândalo, pelo arrazo do referido "mantenedor da ordem" e pela cumplicidade que se verifica por parte dos superiores hierárquicos do indecoroso Argus.

Eis o que se passa: Depois da já referida cena passada entre o chefe e a esposa do nosso camarada, como lá à tarde se dirigisse ao calabouço a levar o jantar, o sr. Amadeu apareceu a insultá-la e a preterir, ante o marido, desmenti-la. Ela, porém, não se intimidou e persistiu relatando ao esposo o que ocorria e acrescentando mais que ele lhe fizera propostas indecorosas.

Desmascarado, o chefe Amadeu voltou-se agressivo para Julio da Anunciação, ameaçando-o depois de várias injúrias de que, se não estivesse ali, "lhe partiria o focinho".

Depois de tudo isto, heroicamente, prendeu a insultada e fê-la conduzir ao Governo Civil, onde hoje se constituiu o tribunal de julgamento da sua delito para a julgar. A acusada apresentou como testemunhas de defesa, algumas pessoas da família presos que assistiram aos factos relatados, mas o já celebrado tribunal, presidido pelo dr. Pinto de Magalhães, não as quis aceitar, tornando, todavia, como muito bom, o testemunho de acusação do 8 polícias da esquadra onde governa o chefe Amadeu.

Pode calcular-se o que seria tal julgamento. A vítima, depois dum açoitamento, voltou para um calabouço, como se fosse, de facto, aquela prostituta por que a tomou o boçal chefe.

Não ficam por aqui as violências praticadas na esquadra do Caminho Novo. Desde ontem que aos presos não é permitido mandarem buscar fora leite ou ovos de que necessitam para tratar-se, visto que, como já temos referido, alguns se encontram doentes.

E para tornar mais cruel o sofrimento desses homens, o brutal e indecente chefe Amadeu não consegue que lhes sejam fornecidos coelhos ou mantes, forçando-os assim a dormir sobre o lagoado.

Quere dizer: a esquadra do Caminho Novo, transformou-se em qualquer coisa por que um ergástulo medieval e o tal chefe pior também do que um carrasco, pois que não se satisfazendo com o suplício físico dos prisioneiros, ainda os apeça moralmente vexando-lhes as famílias.

De forma que estamos assim: a liberdade, a honra e a vida de qualquer de nós, depende da omnipotente vontade de qualquer polícia que prenda, insulta, agride, julga, condena e, se lhe apraz... mata.

Préos espancados

Fomos informados de que na esquadra da Foz de Santa Santa têm sido espancados barbaramente pela polícia os presos por questões sociais que ali se encontram.

Os gritos dos presos ouvem-se distintamente na vizinhança que está indignada com o facto.

Claro que não vamos pedir um inquérito rigoroso a estas barbares, porque não estamos dispostos a que manguemos conosco — como aconteceu com o já celebrado inquérito à polícia feito pela própria polícia. Registamos e nada mais.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria debatida a sua situação económica.

Os cinco indivíduos presos há dias, entre os quais se encontrava Manuel Rodrigues, foram postos todos em liberdade.

De harmonia com a resolução da última assembleia magna, o operariado municipal a convénio de não faltar à aludida sessão só seria debatida a sua situação económica.

O «comité» da classe, em nota que nos enviou, lembra ao operariado municipal a conveniência de não faltar à aludida sessão onde seria deb

MARCO POSTAL

Marinha Grande.—Joaquim A. Freitas.—Recebemos 18\$00 para a Renovação. Agradecemos o novo assinante.

Tóres Novas.—F. Bretes.—O que há de sobras no Agente?

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 5,36
S.	6	13	20	27	Desaparece às 19,49
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	8	15	22	29	Q. C. dia 18 8,15
Q.	9	16	23	30	Q. M. dia 19 2,33
S.	10	17	24	31	L. N. dia 20 2,00

MARES DE HOJE

Praiamar às 8,34 e às 9,05

Baixamar às 1,35 e às 2,04

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	97\$00	97\$25
Madrid, cheque	2991	
Paris, cheque	905	
Suica	3900	
Bruxelas cheque	93	
New-York	2005	
Amsterdam	806	
Itália, cheque	74	
Brasil	240	
Praga	60	
Suecia, cheque	5640	
Austria, cheque	2382	
Berlim	478	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional—A's 21, 22, 23—Os des gatos. Politeama—A's 21—O Leão da Estrela. Breitner—A's 21, 22—O Leão. Apollo—A's 21, 22—O moleiro de Alcalá. Trindade—A's 21, 22—Ditosa Pátria. Eden—A's 21, 22—A cidade onde a gente se acon-

tece. Mario Vittor—A's 22, 23—Retapane.

Casino de S. João—A's 21, 22—Concerto pelo can-

teiro Genesio Wix.

Junina—A's 21, 22—Junina e A Gilada.

Salti Negro—A's 20, 21—Variedades.

L. Vicente (a Grava)—A's 20—Animatógrafo.

Irenio Perque—Tocas as noites—Concertos e il-

versões.

CINEMAS

Olimpia—Cineo. Terrasse—Salão Central—Cinema

Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-

metra de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-

perança—Chantecler—Livel—Tortoise.

Pedras para isqueiros

nos quiosques, nos milheiros e nos centros,

tubos, rosas, pipas, fundas e molas de aço,

tudo que é preciso para fazer isqueiros.

Venda em grandes quantidades nos melhores

preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros

(Qualidade garantida)

DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, n.º 83—Lisboa

A GRANDE BAIXA

DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora

Sapatos em verniz

Botas pretas (grande salão)

Botas pretas (salão)

Grande salão de botas pretas

Botas de couro para homem

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é a sua das Cavaleiros,

18-20, com filial na mesma rua, n.º 69.

LIMAS NACIONAIS

Só e a grande fábrica de limas que tem

deveras lugar a que

sindical hoje se consu-

mmem em Portugal limas estran-

geiras visto que

as limas que se consu-

mmem em Portugal

“Touros” da Eme-

prega de Limas

“qualidade com as melhores limas do Mundo”

Experimentais polis, rosas, grossas, limas que se

encontram a venda em todos os bons estable-

cimentos de ferragens do país.

MARCAS REGISTADAS

União Tomé Feteira, Lda., rivalizam em preço

e qualidade com as melhores limas do Mundo

Experimentais polis, rosas, grossas, limas que se

encontram a venda em todos os bons estable-

cimentos de ferragens do país.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rosas grossas e

maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3

peças, lampões. Vendem-se no Largo

Conde Barão, n.º 50 e quiosques.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata

E a casa que lhe tem em melhores co-

ndições.

e ficareis convencido de que não zombol Sois o filho

do senhor duque de Norfolk?

—Filho bastardo, pela virtude de minha honrada

mãe; mas ela me deu bom punho, bom olho e bons

dentes, tenho a quite resto.

—O duque, vosso pai, sabe que vós bateis o cam-

po neste país?

—Sim, porque há pouco tempo eu mandei-lhe es-

critto isto por um archeiro franco que voltava a Guana:

•Mylord, vós não me tendes dado nada, durante a

vostra vida, senão um pontapé de que os meus calções

ainda estremecem; mas nem por isso deixo de ser o

vostra afetuado bastardo que devasta a Gália, e que

se assina o capitão Griffith.

—Senhor, disse o bailio entregando ao capitão

uma carta, eis a resposta do nobre duque, vosso pai.

Griffith, muito espantado quebrou os selos do per-

gaminho, e leu:

•Um desses cobardes cavaleiros franceses que eu

fiz prisioneiros na batalha de Poitiers, te entregará

esta carta e seis mil florins pelo seu resgate: Tu es um

bravo maroto, Norfolk.

—Tal pai! disse o capelão, levantando os olhos e as

mãos para o céu, tal filho!

—Seis mil florins! exclamou Griffith. Vamos, o

bom homem lembrou-se de que a minha respeitável

mãe tinha um corpo bem feito. E dirigindo-se ao

bailio:

—Esses seis mil florins onde estão?

—No bolso dos vassalos do meu senhor, o senhor

de Nointel. Foi ele que foi feito prisioneiro na batalha

de Poitiers pelo nobre duque de Norfolk; porém ai do

meu senhor, arruinado pelos gastos da guerra, não

possue em sua casa um só florim; contudo ele jurou

pela sua fé de católico e de cavaleiro que pagaria o

seu resgate ao vosso nobre pai ou a vós, e sustentara

a sua promessa. Eis aqui como: E' de antigo uso que

os vassalos resgatem com o seu dinheiro os seus se-

niores prisioneiros; eu entendo então, senhor capitão,

de oferecer-vos por ordem do meu senhor, os meus

serviços, só com o fim de vos ajudar a receber a soma,

o que seria muito difícil sem o meu concurso. Quereis

uma prova do que avanço? Segui-me daqui a pouca

distância, e vereis alguma coisa que não esperei-

rei.

—Capitão, disse o tenente, e se este tratante nos

conduzia a alguma emboscada?

—Capelão, Griffith nunca recuou diante do perigo,

replicou o capitão, e de mais, se este bálio de foscino

de fúria nos engana, que ele se tenha já por adver-

tido às primeiras suspeitas de uma emboscada, faç-o

em picado.

—E' justo, respondeu o capelão, toca a marchar!

—Para diante, repetiu Griffith. E a tropa guizada

pelo bálio a que estes homens se tinham juntado,

deixou a aldeia de Cramoisy, e dirigiu-se para uma

vasta floresta de que a margem verdejante se estendia

o horizonte.

...

—A perto de duas léguas da aldeia de Cramoisy,

acha-se, no mais profundo da floresta senhorial de

A BATALHA

Verdades amargas

Os empregados no comércio não ganham para viver

Fomos demonstrado, embora pálidamente, mas como podemos, os sentimentos que nos animam: queremos que as classes comerciais de trabalho afirmem a sua consciência na luta, por melhores dias, demonstrando que elas não são, como parecem, constituídas por automáticos a quem a dor alheia e a própria não comove.

A ação profissional que exercemos não é de todo inútil à Sociedade, como repartidores da produção, como agentes da troca, enquanto ela é exercida sob o ponto de vista equitativo. Nós não produzimos mas beneficiamos o produto que recebemos dando-lhe conservação, ou pelo menos isto deveríamos fazer se o comércio, que representa a troca, não se houvesse despenhado mais desenfreada exploração. Somos portanto agentes necessários ao equilíbrio que se carece entre a produção e o consumo. Qualquer que seja a forma da organização social que suceda a esta, de todo já desmobilizada e insubstancial, o nosso esforço é necessário.

Preciso é, porém, que nos preparamos para saber corresponder à função que nos é destinada na humanidade.

As classes produtoras olham a nossa desconfiança, e com razão, porque não temos saído compreender o nosso papel, já porque exercemos uma exploração ilimitada porque explorados nunca juntamos os seus o nosso protesto.

Ao passo que elas se organizam e se sacrificam por fazer da vida um campo aberto a todas as manifestações de energia e saber, e os seus organismos de classe se dirigem, num sentido de aperfeiçoamento social, nós, que imitando-as também criamos idênticos organismos, que são as nossas associações de classe, damos a estas um carácter mais futil, quasi banal de desporto ou recreio, e nos alienamos dos interesses profissionais. Mas mais ainda: querendo manter na generalidade um certo ar superior damos-lhes fins políticos e mantemos dentro delas uma certa subserviência com o patronato.

Que se não crie uma acintosa hostilidade com aqueles a cujas ordens servimos, está bem, até onde isso seja preciso e possível sem quebra de dignidade e de princípios, mas que andemos a bajar, a fazer círculo com eles em todas as indignidades que por si se praticam isso não... nem a todas nem a nenhumas.

Assistimos à desmoralização de carácter do nosso meio sem um gesto de repulsa sequer e sem vermos que o abandonamento de alguns, vem refletir-se no conjunto.

Ha um pequeno número de empregados no comércio que distruem certas condições que lhes facilitam viver com ordenados pequenos e lhes proporcionam determinadas liberdades. Nada temos a ver com isso, e achamos que esses fazem bem aproveitando-se do que lhes é posto nas mãos. Mas entendemos que devem aproveitar-se dessa situação sem quererem prejudicar os que não dispõem dessas facilidades.

Dá-se, porém, o contrário: são aqueles que por um modo irregular, se governam que influem para que a miséria seja grande no nosso meio; e quando se reclama, demonstrando que não podemos viver com o que ganhamos, eles nos apontam os seus ordenados como ponto de partida para que não sejam atendidos. E assim se mantém a nossa classe numa agonia permanente que já vai transparecendo através do verniz que nos damos inconscientemente.

E o que cuidam disto os militantes da classe?

Ser militante dumha classe impõe deveres que nem todos entre nós os têm sabido compreender, mas que é preciso fazer-lhes sentir.

J. Campelo

Ponte do Sôr

Os «cirineus» tentam burlar os trabalhadores

PONTE DO SOR, 29.—Chega até nós a informação de que uns burgueses daqui andam promovendo aos seus servos que vão fazer uma associação com cooperativa, etc.

Pois alguns deles estão se festejíssimos, julgando, talvez que se acaso essa associação fosse avante, elas passariam a ter pão para os filhos, a viver em melhores casas, enfim, a terem umas certas comodidades que os burgueses nunca permitem aos que trabalham.

Mas querem os leitores saber quem são os generosos burgueses que falam em meter mãos à obra para que vingue tão-benemérita associação? São uns senhores por sinal bastante incertos chamados Marques, destacando-se o Joaquim Teixeira Marques, que, como nada têm que fazer, se lembram naturalmente para entreter o tempo, de andar também fazendo propaganda contra o Sindicato da C. Civil, único organismo operário aqui existente.

Ora os trabalhadores desta localidade devem fazer por compreender as pobres mas maléficas palavras de Joaquim Marques, quer contra o Sindicato, quer para conseguir a formação da tal associação-burla.

Generosidade burguesa

Segundo nos consta, o João Diogo, o tal menos atacado de alienação mental, vai um pouco melhor, com «mésinhas» que a mãe tem feito.

Jávamos acreditamos que tais «mésinhas» curem o rapaz por completo, pois o que nos satisfazia era ver os donos «disto» com o devido cuidado para que o rapaz se restabelecesse.

Mas isso, sim, não estão para se ralar, apenas dão a mãe deles \$50 por dia enquanto o rapaz durar a doença e vá lá que está com sorte.—C.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Lisboa. — Comissão pró-presos—Baptista. — Precisamos falar-te com urgência.

INTERESSES DE CLASSE

Algumas considerações sobre a classe litográfica

A inéria que se apoderou da classe litográfica obriga-me a dizer algo, animando-o e desejando de assim contribuir para que termine uma situação que só aos nossos inimigos convém. É certo que todos aqueles que sinceramente trabalham para uma vasta obra de organização, observando de «vista» o descalabro de que a classe está dando indício, forçosamente têm a apontar anomalias, êrros, no intuito exclusivo de tornar mais forte e adequada às circunstâncias do momento o nosso organismo de defesa—o Sindicato.

O desinteresse que uma parte de indivíduos que compõem o nosso Sindicato—por consequência que fazem parte da indústria—tem manifestado para com todas as questões que dia a dia vêm surgindo, não têm razão de perdurá, porque a ser assim contribuirão, esses mesmos indivíduos para o aniquilamento de todo o espirito combativo, que creio estar ainda possuída a classe litográfica.

Dentro desta pequenina especialidade gráfica há muitos componentes que, já pela experiência, já pela cultura que têm, muito podem contribuir para a conduzir a uma melhor situação.

Quantos indivíduos que tinham o dever

de dar a sua cota parte para o engrandecimento do seu baluarte de reivindicações

que não fazem? Uns alegando razões pouco aceitáveis, pois se sentem dentro das melhores situações; outros porque dum forma

pérfida têm arrastado os seus camaradas a uma desagregação associativa que

vêm demonstrar os intuios absorventes de desorientar os camaradas bem intencionados.

Se o porte desses indivíduos houvesse uma rajada de bom senso, não alcançaríamos consubstanciar numa só comunidade de interesses todos os esforços dispersos.

Olhando um pouco para o que vai por essas oficinas de litografia, é-nos dado constatar quantas e quantas injustiças se observam e quantas vezes o camarada de trabalho, o camarada que tendo a maior das afinidades com o seu outro camarada, num dado momento—basta só a ocasião se proporcionar—irá aquele que até ali era seu leal camarada e com quem tinha as melhores relações de amizade.

E para que terminem estas verdadeiras deslealdades, é para que criemos dentro dos lugares de trabalho um ambiente sadio e de confiança entre todos os trabalhadores, é para que lutemos com o fim de alcançar os mesmos objectivos que eu digo aos meus camaradas de trabalho: que os tempos que decorrem são de realizações inadiáveis e de conquistar o maior bem-estar para todos os que morremos e não de malquerenças nem de desavenças inglórias.

Os trabalhadores constituirão os seus organismos de defesa—os sindicatos—para dentro deles estudarem todas as questões, quer profissionais, económicas ou morais.

E, sendo assim, é dentro dele—o Sindicato—que se devem derimir todas as questões; é dentro dele que se devem discutir todos os assuntos que à classe interessem, não se fazendo o que muitas vezes nós constatamos—os trabalhadores fazem comunitários com os industriais ou seus representantes, sem que ao menos o sindicato seja dado conhecimento de tais actos.

E' lógico que isto persista? Pois é isto que nós pretendemos combater, e daí não sairemos sem que todas estas anomalias desapareçam e sem que todos os camaradas se compenetrem dos seus deveres.

Jaime Tiago

A visita dos operários alemães à Rússia

O Estado russo gosa de boa saúde...

Os operários alemães mostram-se muito satisfeitos com a sua excursão à U. R. S. S. O presidente da Delegação dos trabalhadores alemães fez, na «Gazeta Operária de Moscova», as seguintes declarações:

«Os adversários do envio de uma Delegação à U. R. S. S. tinham razão em querer impedir a nossa viagem. Tudo o que se tem escrito sobre a Rússia dos Sóvietes tem sido apenas mentiras e calúnias.»

Temos aqui plena liberdade de movimento, podemos tudo viver e pedir toda a espécie de explicações. Há alguns anos proponha-se a Alemanha o boato de que já não existiam na Rússia os conselhos de fábricas. Isto não é verdade. Em todas as empresas que visitámos até agora, temos encontrado conselhos de fábricas correspondentes à importância do negócio. Têm muito mais poder que os conselhos de fábrica das empresas alemãs.

Comentando a visita, o jornal «Izvestia» diz:

«Nada temos que ocultar. Os operários russos esperam que a viagem dos operários alemães contribua a esclarecer no mundo inteiro a verdade sobre o estado soviético.»

O Pravda vê na visita dos delegados operários o princípio dum novo período nas relações internacionais russas. Estas relações não são só de alcance diplomático mas também relações com os operários de todos os países.

«Não queremos dizer que no nosso território tudo esteja melhor, mas já demonstrámos que podemos trabalhar. Se tivéssemos estado tranquilos teríamos podido fazer maravilhas.»

Anuncia-se igualmente a chegada a Moscova de uma delegação operária sueca composta de 290 operários de todas as tendências políticas e sindicais.

...mas o «proletariado» faz uma cura de ares

PERPIGNAN, 19.—Krassine, embaixador da Rússia, chegou com o seu secretário e dois amigos russos: um banqueiro e um advogado. Dirigiram-se em seguida a Vernet-les-Bains acompanhados do deputado Dalbiez.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita.—R. dos Re

trozeiros 125—LISBOA

O JULGAMENTO DE ANTÓNIO CANHA

O reu foi condenado a três anos de prisão maior celular na alternativa de 4 e meio de prisão temporária

No terceiro distrito de investigação criminal continuou ontem, em fauldência de juri, o julgamento de António Nunes Canha, continuando a inquirição das testemunhas da defesa.

Pedro Ferreira, industrial de tanoaria, considera o réu um trabalhador digno e disciplinado, não lhe tendo dado trabalho quando ele saiu da C. U. F. por o não poder fazer. Também fôr despedito da C. U. F. em 1913, sem suficiente justificação por Couto Viana.

Joaquim Tavares Adão declara ter sido procurado por Canha na véspera do crime, na «Mecânica» (íábrica Seixas), e tendo-lhe exposto a sua situação, apresentou-o ao gerente. Este não lhe deu trabalho porque, tendo pedido, telefonicamente, ao sr. Couto Viana, explicações sobre um afeitado passado a Nunes Canha quando o despedira, o sr. Couto Viana disse-lhe ser ele um «agitador e prejudicial à sociedade». Em facto, ainda aí, o dito gerente recriminava a testemunha por lhe apresentar «uma peste daquele natureza». Interrogado sobre o carácter do réu diz não conhecer melhor.

António Cristóvão, proprietário em Alpiarça e Azambuja, teve o réu ao seu serviço. É um exemplar artista, cumpridor dos seus deveres, bom chefe de família. Cita o de quando, no Limoeiro se pretendeu impedir a entrada ao padre Cruz, Canha, que tem um grande respeito pelas opiniões dos outros, porque quer que lhe respeitem as suas, ter protestado, indo pedir ao diretor para continuar permitindo a sua entrada, o que conseguiu. Declara um propagandista contra a taberna e a favor da instrução.

Caetano Nunes, chefe da secção de tanoaria da C. U. F., relata o seu despedimento do reu, que foram o ter entendido o sr. Couto Viana que Canha lhe falava de respeito, quando lhe falava um pouco mais alto. Entenda que ele não devia ser despedido.

Depuzeram ainda Custodio de Oliveira e Almastro Ferreira, ambos ex-empregados na C. U. F.

O delegado do Ministério Público, dr. sr. António Joaquim da Silva Gurgu, considera o crime esclarecido mas insuficiente a defesa. Achou natural a indignação por o acto ter sido praticado no cemitério. Não afirma nem nega a exaltação do reu nesse momento. Diz que o próprio reu se defendeu quando afirmou não reconhecer a ninguém o direito de tirar a vida a outrem.

Fala depois o advogado de defesa, dr. sr. Orlando Marçal, que demonstra ter sido recolhido o juri, foi o delito considerado de ofensas corporais, sem intenção de matar, mas de que resultou a morte da vítima. Não se comprovou a premeditação, o ataque de surpresa e à traição, comprovando-se a sua inocência.

O delegado do Ministério Público apelou da sentença.

O interesse pelo julgamento em Alpiarça

Em Alpiarça, onde António Canha gosa de geral simpatias, era grande o interesse pelo resultado do julgamento.

Francisco Gomes Fidalgo e Francisco Coimbra, não tendo podido tomar o comando que os traria a Lisboa à tempo de assistirem ao julgamento, partiram de lá em bicicleta pouco depois do combóio largar chegando, antes deles à esta cidade.

AS GREVES

Condutores de carroças

Prosegue com a mesma energia a greve dos condutores de carroças das casas Alfredo Rosário Faria, João Francisco, José Martins & C. e Sebastião dos Santos e António Franco. São estes os proprietários que mais rentáveis se têm mostrado em atender as justas reclamações dos grevistas, que se consubstanciam no cumprimento do horário do trabalho.

Hoje, pelas 21 horas, reúnem os condutores de carroças, em assembleia, magna na sua sede central a fim de apreciar as «demarches» realizadas e saber qual o caminho a seguir perante a falta de cumprimento dos compromissos por parte dos proprietários.

Terminou a dos soldadores de Olhão

OLHÃO, 28.—Quando tudo fazia prever uma retumbante vitória da parte dos grevistas, em virtude do Sindicato ter conseguido a adesão dos elementos de menor confiança, a greve dos soldadores desta vila teve o seu fim em condições que não podem deixar de lamentar. Pequenos desídos, falta de unidade no combate deram margem a este epílogo, doloroso para aqueles que se consubstanciam no cumprimento do horário do trabalho.

Hoje, pelas 21 horas, reúnem os condutores de carroças, em assembleia magna na sua sede central a fim de apreciar as «demarches» realizadas e saber qual o caminho a seguir perante a falta de cumprimento dos compromissos por parte dos proprietários.

As soldadoras não contavam com

inconveniente: quando se dirigiram para as fábricas, estas estavam encerradas, não sendo por esse motivo admitidos.

Em face do encerramento a situação dos soldadores é bastante crítica.—C.

Vendas Novas

Gêneros alimentícios impróprios para o consumo

VENDAS NOVAS, 28.—De há muito que se faz sentir, nesta localidade, a falta de um serviço de saúde que acabe com certas mixórdias que com o maior desprêza pela saúde pública, aqui se vendem ao

ainda que os conselhos de fábrica correspondentes à importância do negócio. Têm muito mais poder que os conselhos de fábrica das empresas alemãs.

Temos aqui plena liberdade de movimento, podemos tudo viver e pedir toda a espécie de explicações. Há alguns anos proponha-se a Alemanha o boato de que já não existiam na Rússia os conselhos de fábricas. Isto não é verdade. Em todas as empresas que visitámos até agora, temos encontrado conselhos de fábricas correspondentes à importância do negócio. Têm muito mais poder que os conselhos de fábrica das empresas alemãs.

Comentando a visita, o jornal «Izvestia» diz:

«Nada temos que ocultar. Os operários russos esperam que a viagem dos operários alemães contribua a esclarecer no mundo inteiro a verdade sobre o estado soviético.»

O Pravda vê na visita dos delegados operários o princípio dum novo período nas relações internacionais russas. Estas relações não são só de alcance diplomático mas também relações com os operários de todos os países.

«Não queremos dizer que no nosso território tudo esteja melhor, mas já demonstrámos que podemos trabalhar. Se tivéssemos estado tranquilos teríamos podido fazer maravilhas.»

</